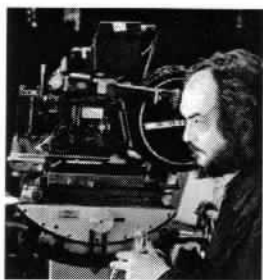


No espaço de Kubrick



Na Galeria de Arte Cinemática e no Centro de Memória, em Vila do Conde, obras de vários artistas permitem recordar um momento em que a arte portuguesa descobriu o cinema moderno

**José
Marmeleira**



João Tabarra

Com *Moon Watchers Defeat* (citação do plano do osso de 2001), o artista instalava-se num território de reconhecimento prévio de uma cultura (visual): a do cinema moderno

O ecrã permanece negro durante vários segundos, apesar das notas musicais que o animam. Mais à frente, um osso voa e suspende-se no ar. E num movimento gracioso, impulsionada pela ausência de gravidade, uma hospedeira espacial faz meio círculo sobre si mesma. São todos planos do mesmo filme de Stanley Kubrick, e podemos encontrá-los nas obras de vários artistas portugueses que compõem *2012 Odisseia Kubrick*, exposição inaugurada ontem na Galeria de Arte Cinemática e no Centro de Memória, em Vila do Conde.

É conhecida (ou pelo está documentada) a presença das imagens do cineasta americano em alguma da arte portuguesa dos últimos 15 anos (demos conta disso mesmo nas páginas desta suplemento em 2010 a propósito da exposição de Jane e Louise Wilson no CAM, em Lisboa). Mas o que significa de facto? O que nos diz da relação que as obras sugerem entre o cineasta e os artistas? O que a motivou?

Sondar respostas para estas perguntas implica primeiro descrever um contexto. As obras produzidas por João Onofre, João Tabarra, Alexandre Estrela, Pedro Tudela e Miguel Soares desenharam um arco temporal de dez anos que coincide, aproximadamente, com o final dos anos 90 e a primeira metade da década seguinte. "Foi quando o digital se tornou mais acessível através dos computadores", recorda Alexandre Estrela. "Sem grandes meios, tivemos a liberdade da apropriação. No meu caso interessava-me qualidade das imagens e a possibilidade de perante o cinema encontrar já tudo feito, como se fosse um *ready-made* assistido".

Para João Onofre, que participa com o trabalho mais antigo (*Sem título*, 1999), a obra de Kubrick marcou a sua terceira e última apropriação de imagens cinematográficas. Antes tinha trabalhado com um plano de *Martha* (1974), de Rainer Werner Fassbinder e outro de *O Eclipse*, de Micheangelo Antonioni. "São obras que lidam com a relação entre dois corpos. Neste caso, complexifico um pouco as coisas. Vemos o corpo da hospedeira a rodar sobre si próprio. No filme, ela só fez meio círculo. Aqui faz um círculo completo por meio de um *loop*. Estava a ler Beckett na altura, mas trata-se de um trabalho onde é evidente o meu encontro com o cinema".

Cultura cinematográfica

O encontro com o cinema, eis um aspecto que repousa sobre os percursos dos artistas. Podemos, por isso, falar de um reconhecimento prévio de uma cultura (visual) comum? "Talvez", responde João Tabarra. "Quando fiz *Moon Watchers Defeat* [2007], achava que as pessoas iam reconhecer não só plano do osso e a elipse que ele precede, como a referência presente no título. Mas isso nem sempre aconteceu e hoje também não acontece". Alexandre Estrela prefere pôr a tónica noutra questão, para regressar ao encontro com cinema: "Creio que posso dizer que estes e outras artistas tinham uma boa cultura cinematográfica e isso foi importante. A programação da ▶

João Onofre

Sem título, 1999: o corpo da hospedeira de 2001... a rodar sobre si próprio. No filme, ela só fez meio círculo. Aquil faz um círculo completo por meio de um loop



Alexandre Estrela

Em Solar Circle (produzido para a exposição) reacende-se, depois de Intermission [apresentada em 2002 no Museu do Chiado], o interesse pelo modo como o cineasta trabalhava espacial e sonoramente o espaço negro



RTP2, os ciclos nas salas do Quarteto e do King foram extremamente formativos. E tive a sorte de frequente excelentes videoclubes quando fui estudar para Nova Iorque".

O interesse pelo cinema pode explicar-se por diversas razões, sendo a mais corriqueira a que assenta numa suposta reacção dos (então jovens) artistas ao academismo dos currículos do ensino ou à própria história da arte. "No meu caso, isso pode ter acontecido", concorda Miguel Soares. "Passava horas no CAM, onde a minha mãe fazia visitas guiadas e provavelmente senti a necessidade de conhecer outros universos artísticos. Mas também devo dizer, entretanto, já desisti de todo e qualquer filme feito por Hollywood".

João Onofre, em conversa telefónica a partir de Londres, rememora o seu trabalho e o confronto com Kubrick. "O 2001 é um momento histórico do cinema, que continua a ser discutido. Limitei-me a utilizá-lo, sabendo das repercussões. O meu trabalho pode ser inútil ao lado do filme, mas as diatribes com os clássicos têm que acontecer. Se não dialogarmos com os clássicos, dialogamos com quem?"

Agregar aspectos comuns a partir de um conjunto diversificado de artistas permitir-nos-á falar de laços ou intra-generacionais? Tabarra acha que não. "Compreendo a pergunta, mas para mim no trabalho deste ou de outro artista interessam-se questões intemporais. A condição humana ou questionamento das imagens que vemos no [cinema de] Kubrick atravessam ao logo da história, obras de artistas, escritores, filósofos".

Não imagem

Tabarra, que em 2002 representou Portugal na Bienal de São, apresenta *Moon Watchers Defeat* (uma citação do plano do osso que o hominídeo lança ao ar), descobre proximidades com o cineasta: "A ideia do monólito,

o paradoxo da perfeição, o jogo das impossibilidades. A impossibilidade e a possibilidade da perfeição na produção das imagens. Creio que o meu trabalho também lida com isso".

O rigor formal de Kubrick pode ser intimidatório. "Quando comecei a fazer a apropriação interessavam-se filmes maus ou menos canónicos. Já o Kubrick assustava-me", admite Alexandre Estrela. "Como podia apropriar-me de algo que já era perfeito? Limitei-me a fazer uma citação, apropriando-me de uma não-imagem". A não-imagem é o negro que no início e noutros momentos de 2001 ocupa o ecrã. O negro do monólito. "Foi assim que cheguei a *Intermission* [2002, Museu do Chiado], que interfere, através da presença de um espaço negro, nas outras peças. Essa interferência podia durar uns minutos numa ou noutra peça, como podia deixar a exposição às escuras. Procurei concretizar essa não-imagem no espaço expositivo".

O interesse de Alexandre Estrela pelo modo como o cineasta trabalhava espacial e sonoramente o espaço negro reacende-se em *Solar Circle* (produzido para a exposição): o ecrã confunde-se com a sombra e percebemos a imagem pela sua ausência. "A eficácia do monólito é que absorve a luz", continua o artista. "Quando [o cineasta] põe o monólito no espaço dá-lhe um lado concreto, mas não sabemos de que material é feito. Neste trabalho, interessa-me o monólito como sombra" (o artista insere entre o ecrã e o projector um ecrã de dimensões mais reduzidas).

Com Miguel Soares (que cita *Dr. Estranho Amor*), Pedro Tudela é o outro artista que estende a sua relação com Kubrick para lá de 2001: *Odisseia no Espaço*. "Fiz *Masked Wall* há 10, 11 anos, depois de ver *De Olhos Bem Fechados*. Evoca a mascarada, a cena do ritual do filme. Interessou-me a questão da uniformização das máscaras a ideia de uma personagem se perder nessa uniformização". O trabalho é composto para uma máscara branca e um dispositivo sonoro no interior do qual correm fragmentados três matizes: a atmosfera do ritual encenado pelo realizador, o discurso do computador Hall 900 e os sons que acompanham as imagens que o dispositivo acoplado ao ruído Alex de Laranja Mecânica faz disparar. "O som é localizado, como se fosse o de um rádio. Esta peça surgiu de um impulso. Há um certo pessimismo no meu trabalho que pode ligar-se ao cinema do Kubrick. Mas a minha aproximação é dispersa, não é refém de matérias ou referências", considera. "O que explica então este interesse pontual e quase desconhecido, pois a peça, de 2000, nunca havia sido mostrada numa exposição individual? A ocasião foi a ideal para remontar e pensar o trabalho. Embora narrativo, o cinema de Kubrick é feito de blocos que têm um grande autonomia. E uma força muito directa, com um poder concreto. O seu cinema não é uma mera representação, mas uma interpretação. E isso, na minha opinião, aproxima-o da arte".



Miguel Soares

Time Zones é uma animação que cita, com aviões e porta-aviões, a guerra-fria e os bombardeamentos de Dr. Estranho Amor

Pedro Tudela

Masked Wall e o balle de De Olhos Bem Fechados. Há uma máscara e um dispositivo sonoro onde correm três matizes: o ritual, o discurso do computador Hall e os sons que acompanham as imagens que o dispositivo acoplado ao ruído Alex de Laranja Mecânica faz disparar